

quando somos apenas nós
série irmãos bergman – livro 1
chloe liese

Tradução de Joana Honrado

*Para todas as mulheres que lutaram corajosamente
e para aqueles que não deixaram de as amar.*

NOTA SOBRE O
conteúdo



INCLUI SPOILERS

Este é um romance que descreve explicitamente relações sexuais consentidas. Esta história inclui um familiar que se encontra em fase terminal devido ao cancro. Esse familiar acaba por morrer, mas isso não é narrado nas páginas. Sendo alguém que já perdeu entes queridos desta forma, sei que este tema é difícil e sensível para muitos. Esta história inclui, também, uma personagem principal que sofre de surdez súbita. Desde a revisão, difusão e republicação deste livro a 21 de agosto de 2021, as descrições da surdez da personagem foram fundamentadas através da autenticidade da experiência e comentários de um leitor surdo. Espero ter abordado estes temas com o respeito, atenção e sensibilidade que merecem.

«Não é em geral a falta de delicadeza
a verdadeira essência do amor?»
JANE AUSTEN, *Orgulho e Preconceito*¹

¹ Austen, Jane (1813). *Orgulho e Preconceito* (trad. José da Natividade Gaspar). 1.ª ed., outubro de 2012, Civilização Editora. (N. de T.)

CAPÍTULO 1

Willa



Playlist: Hurricane, Bridgit Mendler

Já me disseram que tenho mau feitio. Prefiro ser chamada de *tempestuosa*. É uma palavra difícil para alguém que joga futebol, eu sei, mas experimenta trabalhar tantos verões numa livraria como eu e verás como é impossível não alargares o teu vocabulário. *Tempestuoso: «revela uma emoção forte, turbulenta ou contraditória».*

Para o bem e para o mal, essa sou eu, Willa Rose Sutter. Nem mais, nem menos.

Fervo em pouca água? Sim. As minhas respostas são ocasionalmente desproporcionadas? Às vezes. Podia aprender a acalmar-me mais, mas recuso-me a reprimir a tempestade dentro de mim. Porque intrinsecamente ligada à minha tempestuosidade está a força da natureza que é a minha motivação. Sou competitiva. E *esse* é um traço de personalidade vantajoso. Sou uma atleta profissional em ascensão, focada em ser a melhor do mundo no meu desporto. Para seres a melhor, tens de ter talento natural, mas, sobretudo, tens de ter garra. Tens de o desejar mais do que qualquer outra pessoa. É assim que os sonhos mais longínquos se tornam realidade.

Então, sim. Por vezes, sou um pouco agressiva. Sou conflituosa e trabalhadora, e gosto de ganhar. Não me contento com menos. Não sou de desistir. *Nada* se atravessa no meu caminho.

E é por isso que preciso mesmo de me concentrar, porque algo *está* prestes a meter-se no meu caminho. A minha presença no jogo da próxima semana

contra o nosso maior rival está por um fio, graças à disciplina de Matemática Empresarial e ao professor do inferno.

Estou atrasada para a aula, tentando não coxear por causa da dor que sinto nos músculos depois de um treino brutal. Enquanto me apresso a descer o enorme auditório, debato-me para não dizer *ai-ai-ai-ai* a cada passo que dou.

O auditório está cheio, restando apenas alguns lugares vazios na primeira fila.

Solto um gemido. Esplêndido. Chego atrasada e consigo torná-lo supérfluo ao sentar-me à frente e no centro. Tão discretamente quanto consigo, com os músculos a gritarem por ibuprofeno e um banho quente, deslizo para um lugar livre e retiro o meu caderno de apontamentos em silêncio.

O professor MacCormack continua a escrevinhar equações no quadro. Talvez a minha entrada tardia tenha passado despercebida.

— Menina Sutter. — Pousa o giz e vira-se, sacudindo o pó das mãos. — Ainda bem que se junta a nós.

Porra.

— Desculpe, professor.

— Acompanhe a aula pelo Ryder. — Ignorando completamente o meu pedido de desculpas, volta-se para o quadro e ergue um polegar acima do ombro para a minha direita. — Ele tem os meus apontamentos.

Fico boquiaberta. Já tinha pedido os apontamentos a Mac três vezes este semestre quando tinha de faltar por jogar fora. Ele encolheu os ombros e depois disse que eu precisava de «resolver os meus problemas e definir as minhas prioridades». E este Ryder não sei quantos simplesmente *tem*-los?

O meu mau génio torna as minhas bochechas vermelhas. As pontas das minhas orelhas ficam em brasa, e se as chamas pudessem sair da minha cabeça, já estariam cá fora.

Por fim, encaminho-me para onde Mac apontou, morrendo de curiosidade para ver o tipo que o meu professor favorece com os apontamentos das aulas, enquanto eu me esfalfo para acompanhar as aulas sem quaisquer ajudas. E eu preciso mesmo dessa ajuda. Mal consigo manter um C menos que está prestes a transformar-se num D, a não ser que Deus tenha piedade desta Sua humilde jovem, Willa Rose Sutter, e lhe dê força no nosso próximo semestre.

A raiva é uma experiência que me atinge o corpo inteiro. A minha respiração acelera. Torno-me num *hot tamale*² do pescoço para cima. O meu coração bate desalmadamente, a minha pulsação lateja. Estou *furiosa*. E é com toda a raiva que me consome e me corre nas veias que ponho os olhos no privilegiado. Ryder, o Guardador de Apontamentos.

² Rebuçado norte-americano com sabor a canela picante. (N. de T.)

Ele usa um boné de baseball que lhe tapa os olhos por cima do cabelo loiro-escuro desgrenhado. Tem uma barba rançosa que lhe cobre o rosto, mas mesmo não sendo muito longa, não me deixa realmente ver como ele é; não que me interesse. Tem os olhos postos nos apontamentos da aula, percorrendo-os da esquerda para a direita, por isso não consigo ver como são. Tem um nariz longo que é irritantemente perfeito e funga distraidamente, como se não fizesse ideia de que estou a observá-lo e que devia estar a partilhar comigo os apontamentos da aula. Os apontamentos que eu podia ter usado para evitar chumbar nos últimos dois testes surpresa e no nosso primeiro trabalho escrito.

Os meus olhos dirigem-se a MacCormack, que tem a audácia de me mostrar um sorriso afetado por cima do seu ombro. Fecho os olhos, reunindo a calma que não tenho. Ou isso, ou enfrento o meu professor de forma violenta.

Olhos no prémio, Willa.

Preciso de passar nesta disciplina para continuar a poder jogar. Preciso de continuar a poder jogar, porque preciso de participar em todos os jogos, tanto para maximizar as hipóteses de sucesso da minha equipa, como para respeitar a Lei de Murphy, que dita que os olheiros aparecem nos jogos a que faltas. Bem, na verdade, ela apenas dita que se algo pode correr mal quando é mesmo inconveniente, então irá certamente correr. O cenário dos olheiros é a minha versão.

A questão é que preciso dos malditos apontamentos, e, para os obter, terei de engolir o meu orgulho e pedi-los explicitamente a este idiota que está a ignorar-me. Pigarreio. *Ruidosamente*. Ryder funga outra vez e vira a página, erguendo os olhos para as equações no quadro, e depois baixa-os novamente. Se se vira? Se me cumprimenta? Se diz, *Olá, precisas de ajuda?*

Claro que não.

MacCormack tagarela e tem as suas notas no quadro e no ecrã de projeção, onde as palavras dão lugar a legendas de fonte grande e clara. O diapositivo seguinte aparece antes de eu conseguir escrever tudo, o que me enfurece a cada minuto que passa. Parece que Mac *quer* que eu chumbe.

Dando outro suspiro controlado, sussurro para Ryder:

— Desculpa?

Ele pestaneja. Franze as sobrancelhas. Tenho a ligeira sensação de que me ouviu e que irá dar-me atenção, mas, em vez disso, volta bruscamente para a página anterior e escrevinha uma nota.

Fico atónita por uns momentos antes de olhar lentamente para o quadro, com os membros a tremer de fúria. Os meus dedos apertam a caneta. Abro o caderno com tanta força, que quase rasgo a capa. Quero gritar de frustração,

mas a verdade é que tudo aquilo que controlo é o aqui e agora. Mordo a língua e começo a escrever furiosamente.

Vinte minutos depois, MacCormack pousa o giz, volta-se e dirige a palavra à turma. Na névoa da minha cólera, oiço-o vagamente lançar perguntas. Os estudantes levantam as mãos e respondem, porque conseguiram, realmente, acompanhar esta aula e porque, ao contrário de mim, a maioria não tem provavelmente duas vidas a desfazerem-se. Atleta e estudante, mulher e filha.

Eles têm uma margem de manobra que eu não possuo. Eu *tenho* de ser excelente, e o problema é que esta pressão está a transformar-me numa completa falhada. Bem, exceto no futebol. Só por cima do meu cadáver é que irei falhar nisso. Tudo o resto, contudo, está uma merda. Sou uma amiga distante, uma filha ausente, uma estudante sem brio. E se este professor simplesmente me desse um desconto, eu teria a oportunidade de, pelo menos, riscar um destes fracassos da minha lista.

MacCormack deve sentir que estou a fuzilá-lo com o olhar, porque, depois de aceitar a última resposta, olha novamente para mim e sorri.

— Professor MacCormack — digo entre dentes cerrados.

— Diga, menina Sutter?

— Isto é alguma piada?

— Desculpe, mas não, essa não é a fórmula correta para calcular os juros acumulados. — Volta-se para a turma e oferece-lhes um sorriso que eu ainda irei demorar a receber. — Podem sair!

Fico sentada, perplexa por ter sido ignorada novamente pelo meu professor. A cereja fica no topo do bolo quando Ryder se levanta do seu lugar, coloca os preciosos apontamentos dentro de uma mala de couro a tiracolo e a lança descontraidamente sobre o ombro. Ao segurar a alça da mala, olha finalmente para mim. Arregala os olhos e, depois, percorre-me o corpo com o olhar.

Os olhos dele são verde-escuros e, raios o partam, é a minha cor favorita, precisamente o tom de um campo de futebol imaculado. É tudo em que consigo reparar antes de o meu rancor bloquear a minha avaliação de quaisquer outras características suas. Quando para de fitar o meu conjunto de sapatilhas e calças de treino, os nossos olhos encontram-se, os dele semicerrados enquanto processa a expressão assustadora que devo ter na cara. Estou fula. Tenho a certeza de que mostro um ar assassino.

Agora é que ele repara na minha existência, depois de me ignorar completamente?

Endireita os ombros e fica totalmente ereto. Apenas consigo pensar, *uau, este não é apenas um idiota. É um idiota alto.*

Salto do meu lugar, apanhando o meu caderno de apontamentos da mesa.

Metendo a caneta no enorme coque desalinhado que tenho no cimo da cabeça, fulmino-o com o olhar. Arregala mais os olhos quando me aproximo e eu fito os seus nauseantes olhos verdes perfeitos.

Segue-se um longo e intenso olhar fixo. Os olhos de Ryder estreitam-se. Os meus também. Começo a lacrimejar e com ânsia de pestanejar. Mas recuso-me a fazê-lo.

Lentamente, o canto da sua boca sobe. Esboça um sorriso falso, o estúpido.

E, assim, os meus olhos desviam-se para a sua boca, que está escondida pela barba horrível que tem. Pestanejo.

Merda. Odeio perder. *Odeio* perder.

Estou prestes a abrir a boca e perguntar-lhe o que tem assim tanta piada quando o Ryder se afasta e gira suavemente, encaminhando-se para a saída do auditório. Não saio do sítio, tremendo de raiva e furibunda com este otário e com o seu comportamento estranho e desdenhoso, até o espaço ficar praticamente vazio.

— Anime-se, menina Sutter. — MacCormack desliga as luzes, mergulhando o auditório em sombras cinzentas e no fraco sol da manhã que entra pelas janelas.

— Não sei como é que vou estar animada quando estou quase a chumbar à sua disciplina, e não posso dar-me a esse luxo, professor.

Por um momento, a sua máscara de desinteresse escorrega, mas coloca-a imediatamente, antes que eu possa ter a certeza de que mudou.

— Irá conseguir resolver isso. Tenha um bom dia.

Quando as portas se fecham e eu fico sozinha, afundo-me outra vez no meu lugar, ouvindo o sussurro do fracasso ecoar pelo auditório.

— Ele foi-se simplesmente embora? — Rooney, a minha colega de equipa e de quarto, encara-me incrédula.

— Sim. — Até diria mais, mas estou demasiado irritada e ofegante. Estamos a fazer exercícios técnicos, e embora esteja na melhor forma física de toda a minha vida, os treinos de escadas dão sempre cabo de mim.

— Uau. — Rooney, por outro lado, não está nada ofegante. Já tinha decidido que ela é uma mutante, porque nunca vi esta mulher com falta de ar, e não é por falta de tentativas. A nossa treinadora é uma sádica clinicamente comprovada. — Que parvalhão.

Rooney parece uma Barbie em tamanho real. É a típica rapariga californiana — pernas longas, pele brilhante, sardas pouco acentuadas e um cabelo loiro-platinado que está sempre preso num rabo de cavalo comprido e macio.

Ela levanta-se e bebe água, parecendo uma modelo de praia à medida que o Sol se põe. Eu, por outro lado, pareço a Dolores Umbridge depois de os centauros a apanharem. O meu cabelo crespo irrompe furiosamente do meu rabo de cavalo todo desfeito, tenho as bochechas num rosa-vivo devido ao exercício e os meus quadríceps tremem do esforço. Eu e a Rooney somos opostos completos, não só em termos de aparência, como também de personalidade, e talvez seja isso que nos torna tão boas amigas.

— Sem dúvida, ele é um parvalhão — confirmo —, mas é o parvalhão que tem aquilo de que preciso: apontamentos das aulas passadas e os que vou perder quando estiver ausente por mais duas aulas durante os jogos fora.

Encaminhamo-nos para a secção seguinte do campo para começar os exercícios de um só toque. Eu corro para trás primeiro, enquanto a Rooney lança a bola ao ar antes de a enviar na minha direção. Eu cabeceio de volta, ela lança-ma e eu volto a cabecear. Fazemos isto até trocarmos de posições, sendo a vez dela depois.

Rooney serve-me a bola, e eu cabeceio-a para os pés dela.

— O que vais fazer se esse tipo não te der os apontamentos?

— Não sei o que fazer. É esse o meu problema. Não vejo solução para um tipo que me ignora à descarada. Eu sei que posso ser um pouco espinhosa, mas fui educada. Ele foi só... rude. Não percebo porquê. E eu preciso mesmo daqueles apontamentos.

Trocamos de posições, e eu levanto a bola com o pé e chuto-a sem força no ar em direção à testa de Rooney.

— Honestamente — diz Rooney quando me devolve a bola com um cabeceamento —, diria que o problema está no teu professor. De acordo com o nosso estatuto de estudante, ele é obrigado a adaptar o teu horário, e esta atitude é evidentemente hostil em relação aos teus esforços enquanto estudante-atleta. Se eu fosse a ti, imprimia o nosso estatuto, ia ao seu horário de atendimento e relembrava esse idiota de que ele está ética e legalmente obrigado a auxiliar a tua aprendizagem, sobretudo quando trazes mais publicidade e financiamento para a universidade do que todos os seus patéticos artigos académicos *alguma vez* conseguiram.

Pois. A Rooney parece a Barbie, mas tem miolos. Um dia, será uma grande advogada.

— Talvez. Mas ele é um osso duro de roer, Roo. Acho que vai tornar a minha vida ainda mais infernal se eu fizer isso.

Rooney faz má cara, cabeceando a bola de volta.

— Okay, então mostra-lhe o estatuto, mas a bem. Surpreende-o com gentileza. Faz o que for preciso para ser possível jogares na próxima semana.

Precisamos de ti, e, para ser sincera, Willa, acho que se não jogares, entras em combustão por dentro.

Quando terminamos o nosso exercício, a bola cai-me aos pés e fito o seu formato familiar. É uma imagem que já vi milhares de vezes — a bola preta e branca no relvado verde-vivo entre as minhas chuteiras. O futebol é a única constante na minha vida, enquanto tudo o resto tem sido imprevisível. Eu vivo e respiro este desporto, não só porque quero ser a melhor, mas porque é a única coisa que me faz não desistir.

A Rooney tem razão. Não posso faltar, não posso estar indisponível. Vou ter de engolir o sapo e fazer o necessário para passar à disciplina.

— Vamos — diz ela, pondo um braço à volta dos meus ombros —, hoje cozinho eu.

Finjo um vômito, fazendo com que ela me dê um empurrão que me leva a cambalear para o lado.

— Ótimo. Também já estava a precisar de uma boa desintoxicação.

CAPÍTULO 2

Willa



Playlist: Might Not Like Me, Brynn Elliott

A minha reputação exaltada é conhecida no *campus*. Já tive alguns desentendimentos durante partidas de futebol, bem como um episódio no primeiro ano, quando uma rapariga se passou com a Rooney na cafetaria, acusando-a de lhe roubar o namorado. Já tinha subido à mesa com a intenção de atirar aquela mentirosa ao chão e dar cabo dela com um bom *elbow drop* ao estilo da WWE, mas a Rooney, felizmente, agarrou-me pelo pescoço antes que eu fosse expulsa. No entanto, o incidente valeu-me uma reputação da qual não me quis livrar. Mantive quase toda a gente com medo de mim ou proporcionou-me uma distância saudável. Assenta-me que nem uma luva.

Mas a verdade é que, por mais que eu defenda as pessoas que amo, por mais pronta que esteja para oferecer um ombro amigo, para empurrar e lutar pela posse da bola no campo, *não* gosto de confrontos verbais. Aliás, acredito que até sou alérgica a desentendimentos verbais e conversas desconfortáveis. Sempre que elas surgem, eu fujo de cena.

É por isso que sinto comichão e irritação no pescoço e no peito quando me sento à secretária do professor MacCormack e o vejo ler o meu estatuto de estudante-atleta.

— Hum. — Vira a última página, roda o documento na secretária e entrega-mo. — Oiça, Sutter. Acredite ou não, eu gosto de si e respeito-a.

Levanto as minhas sobranceiras.

— Ninguém diria.

O sorriso cínico de Mac está de volta. Tenho de me sentar em cima das minhas mãos para não o esbofetear acidentalmente.

— Não vou entregar-lhe esta disciplina de mão beijada. Escolheu ser uma estudante-atleta, e com isso vem a responsabilidade de saber gerir o seu tempo. Não me avisou logo no início das aulas quando iria faltar, tão-pouco que iria precisar de apontamentos. Não me informou de nada até ao dia em que faltou e depois só me avisou na segunda vez, *mais tarde*. Isto indica-me que esta disciplina não é prioridade sua e, francamente, acho que precisa de ser. Este é um curso fundamental se quer estar preparada para qualquer tipo de administração de empresas no futuro.

Mudo de posição no meu lugar. Eu sabia que iria faltar às aulas por causa dos jogos, mas pedir-lhe isso atempadamente era assustador. Teria de me ter encontrado com ele a sós para lhe pedir que levasse em conta essas considerações. Pareceu... bem, pareceu constrangedor, e, como disse, não sou de confrontos verbais.

— O que me leva a acreditar — continua — que é uma daquelas atletas que pensa que não *precisa* de uma educação, que pica o ponto à entrada e saída, que aparece só porque sim. Não permito isso nas minhas aulas.

Abro a boca para lhe responder que é muito injusto, que adoro aprender o que preciso de saber para administração de empresas. Que eu quero verdadeiramente safar-me nesta disciplina e nas restantes, porque sei que não serei uma atleta profissional para sempre. Quando me reformar, espero usar o meu negócio para trabalho filantrópico, e quero ter a certeza de que o faço funcionar na perfeição. Devia dizer-lhe tudo isto, mas fico muda. Tenho o queixo bloqueado e o nó no meu estômago acentua-se.

MacCormack chega-se à frente e coloca os cotovelos na secretária. As armações pretas e *nerds* dos óculos obscurecem os seus olhos azul-escuros. O cabelo quase preto está elegantemente desalinhado, vê-se que fez a barba recentemente, e, se não fosse um sabotador de merda com dez anos a mais do que eu, pelo menos, até o consideraria giro. Neste momento, apenas penso que ele é o tipo que me vai estragar a carreira no futebol.

— Parece incomodada — diz ele calmamente.

Inspiro devagar ao sentir lágrimas quentes picarem-me os olhos. *Não chores, Sutter. Nunca lhes mostres o teu ponto fraco.*

— Peço desculpa — consigo dizer, tendo em conta o nó que sinto na minha garganta —, eu não... não me sei expressar quando... — Engolindo, aperto a cana do nariz e inspiro profundamente. Quando expiro, estou mais recomposta e encontro a minha coragem. — Eu preocupo-me com esta

disciplina. Reconheço que não lhe mostrei isso devidamente. Devia ter-lhe pedido antes do início do semestre, mas nunca tive de o fazer. No passado, os professores entregavam-me automaticamente os apontamentos e enviavam-me o que precisava.

Mac recosta-se no lugar de sobancelhas franzidas.

— Bem, eu não sou um professor desses, e se se tornar numa atleta feminina profissional, lamento dizer-lhe, mas tem de aprender a defender-se.

Eu vacilo.

— Sim, claro, estou ciente dos preconceitos e padrões duplos que as atletas femininas enfrentam, e estou preparada para eles. Mas obrigada pelo discurso na mesma.

— Muito bem. — Levanta as mãos. — O que quero dizer é que não estou a impedir o seu sucesso nesta disciplina. Tenho estado presente, disponível para si, e há um mar de gente na turma a quem podia pedir apontamentos. Entreguei-lhe o Ryder de mão beijada...

— De mão beijada? — Bato com as mãos com força no tampo da secretária e inclino-me para a frente. — Ele ignorou-me completamente.

— Talvez não se tenha feito ouvir. — Mac encolhe os ombros, levanta-se e pega numa pilha de papéis e no seu portátil. Olha para o relógio de pulso, e depois para mim. — De qualquer forma, o seu sucesso não é responsabilidade minha. Dei-lhe uma solução para o seu problema. Não vou ajudá-la mais do que isto. Desenvencilhe-se. Fale com ele. Sussurrar uma vez, depois desistir e lançar-lhe um olhar de morte não chega.

Arregalo os olhos.

— A aula está sob vigilância?

O maldito sorrisinho transforma-se num sorriso aberto.

— São só olhos na parte de trás da minha cabeça. Qual é o professor que não os tem? Vamos, Sutter. Hora de ir para a aula.

Desta vez, não sou a única que está atrasada. MacCormack anda rapidamente a passos largos à minha frente, colocando a pilha de papéis em cima da secretária com um estrondo, ligando o seu portátil ao projetor e um pequeno microfone ao colarinho da camisa. Depois, começa imediatamente a aula. Mais uma vez, o espaço está sobrelotado e, mais uma vez, o único lugar vazio é ao lado do idiota alto, Ryder, o Guardador de Apontamentos.

Embora estivesse demasiado zangada para analisar bem a sua aparência da última vez, vejo agora, em retrospectiva, que ele usa essencialmente a mesma coisa, uma espécie de uniforme: um boné de baseball azul-escuro gasto,

outra camisa de flanela de aparência macia solta sobre o torso e calças de ganga desbotadas. As suas pernas compridas ficam fora do assento. Olha para baixo, lendo cuidadosamente os apontamentos da aula. Ignora-me por completo, outra vez. Deixo-me cair no meu lugar, bufando de irritação enquanto abro o meu caderno.

Desta vez, pelo menos, serei capaz de acompanhar a aula na íntegra. Não graças a *ele*.

À medida que MacCormack continua, embrenho-me totalmente na matéria, porque, tal como quase me acobardei em dizer ao professor, eu gosto mesmo de aprender sobre administração de empresas. A minha concentração está inabalável. Faço apontamentos a torto e a direito. Até levanto a mão e faço uma pergunta a Mac, o que lhe provoca surpresa e um sorriso de aprovação. Estou de volta à corrida. Ainda tenho de descobrir como obter os apontamentos relativos às aulas que irei perder, mas, por hoje, Willa Rose Sutter está a dar tudo...

Sinto um toque no braço, e a minha mão precipita-se na diagonal, fazendo um risco a preto com a caneta sobre os meus apontamentos. Viro-me para a direita, cruzando o olhar com Ryder. Os seus olhos continuam irritantemente verdes e brilhantes como da última vez, novamente arregalados, como se a minha existência o surpreendesse.

Baixo o olhar para a minha folha, e depois olho para ele.

— Que merda foi essa? — silvo.

Ele abre a boca e, por um segundo, fico estranhamente distraída com isso. Com a sua expressão surpreendida, o cabelo desgrenhado e a barba mal aparada, e com a camisa de flanela axadrezada azul e verde que tem vestida, parece um lenhador que interrompeu o corte de uma árvore. O meu olhar desce dos seus olhos, perscrutando-lhe o rosto. Tanta coisa está escondida atrás daquela barba loira. Maças do rosto, lábios, uma mandíbula.

Como será ele por baixo de tudo isso?

Esbofeteio-me mentalmente por ter estes pensamentos bizarros e fixo o olhar nele novamente, à espera. Aguardo uma desculpa, uma explicação, *qualquer coisa* que justifique o encontrão que me deu no cotovelo e que me lixou os apontamentos.

Mas ele não diz nada. Cerra o maxilar, semicerra os olhos, e depois vira-se para a frente, focando-se outra vez no quadro. Mac muda de diapositivo no projetor, provocando um gemido de aproximadamente um terço da turma que não estava a escrever rápido o suficiente. Incluo-me aí também, graças ao estúpido do lenhador, que me distraiu da leitura e dos apontamentos nos últimos minutos.

— Estarão lembrados — diz Mac à turma — de que a estrutura deste curso se dedica, nas primeiras seis semanas, a aprofundar os fundamentos da Matemática Empresarial. Ensino-vos a teoria, e eu bem que vos empanturo com ela. Compreendo que possam estar um pouco assoberbados por esta altura.

Um suspiro coletivo seguido de uma onda de murmúrios e sussurros indica que MacCormack pode ser um professor formidável, mas que, pelo menos, conhece a sua audiência.

— Agora, estamos naquele ponto do curso em que vos é atribuído um parceiro para trabalharem juntos até ao fim do semestre. Isto acontece por duas razões. Primeiro, devido ao tamanho desta turma — diz Mac. — Ao contrário de muitos professores, não vos encaminho logo para um professor auxiliar. Terão a minha assistência durante todo o semestre, em todos os horários de atendimento, e a contrapartida é que reduzo para metade o número de trabalhos e projetos que tenho de avaliar quando vos emparelho. Segundo, porque qualquer pessoa que queira ter uma carreira no mundo dos negócios precisa de desenvolver competências fundamentais de colaboração, negociação e compromisso. Conhecer os números e a teoria económica é inútil se não conseguirem comunicar com os vossos colegas, ouvir as suas ideias e sintetizar as vossas perspetivas numa aplicação prática e bem-sucedida.

» Embora o foco principal do vosso trabalho de equipa seja o projeto e teste finais, os testes intercalares estão ao virar da esquina. Sugiro que comecem o quanto antes a familiarizar-vos com os vossos parceiros e a apoiar a aprendizagem uns dos outros. Estudem juntos, façam perguntas uns aos outros. Conheçam-se melhor. Embora não estejamos ainda a meio do semestre, comecem a trabalhar no conceito do vosso projeto assim que se juntarem. O projeto e exame finais valem cinquenta por cento da vossa nota, por isso aqueles que já estão com dificuldades... — Os seus olhos varrem o anfiteatro, e ele faz questão de levantar as sobranceiras quando olha para mim. — Sugiro que pensem seriamente nisto. Pode fazer diferença nas vossas notas.

Outro gemido coletivo ecoa pelo auditório. Mac sorri afetadamente com as mãos nos bolsos.

— Os pares serão anunciados na próxima aula. Tenham o resto de um bom dia.

Mesmo antes de eu colocar a tampa na caneta, Ryder já saiu do seu lugar. Metendo a mala ao ombro, sai furioso da sala, esbracejando e abrindo caminho através da multidão que sai lentamente.

Viro-me devagar, perplexa com o nível de estupidez deste tipo. Porra, tem de dar *trabalho* ser tão otário.

— Mas até é um otário giro — diz uma voz.
Dou um salto e viro-me para a minha esquerda.
— Desculpa. Não sabia que estava a pensar em voz alta.
Ela encolhe os ombros e sorri.
— Não faz mal. Eu reparei. Sou a Emily.
— Willa. — De pé, fecho o meu caderno de apontamentos e meto-o na mochila.

Ela abre mais o sorriso.

— Oh, adoro esse nome. Como a romancista, Willa Cather?

Aceno com a cabeça e sinto um aperto no coração ao pensar na Mamã.

— Sim.

Devia perguntar à Emily se faz apontamentos durante a aula e se podia aproveitar-me dela para os copiar. Mas, mais uma vez, o meu medo de pedir qualquer coisa a alguém — ou, pior ainda, de ter o meu pedido recusado — deixa-me em silêncio.

— Bem, tem um bom dia! — diz alegremente.

Tenho montes de trabalhos de casa para fazer, preciso de treinar para o próximo jogo contra um dos nossos adversários mais difíceis, e estou a caminho do hospital para saber como correu a última biópsia da minha mãe. Não espero que este dia seja *bom*.

— Obrigada — consigo dizer —, tu também.

Já estou habituada à rotina do hospital. Os cheiros, os sons. O deslizar e tinido dos elevadores a chegar, as sapatilhas a chiar no chão de linóleo. O zumbido das lâmpadas fluorescentes e os cheiros do antisséptico e da urina misturados. Por muito estranho que seja, não o odeio. É o lugar que tem sido a casa da Mamã no último mês, e, onde quer que ela esteja, é onde eu quero estar.

— Willa Rose! — A Mamã pouisa o seu livro e abre os braços magros para mim.

— Olá, Mamã. — Sopro-lhe um beijo, depois tiro o meu *hoodie* e lavo as mãos diligentemente. A Mamã sofre de imunossupressão, e os jovens universitários são placas de Petri, de acordo com o Dr. B., por isso esfrego-me até aos cotovelos, e, de seguida, passo um pouco de desinfetante nas mãos para jogar pelo seguro.

Finalmente, inclino-me e aceito o seu abraço. É forte e demorado. Ela entrelaça os dedos atrás das minhas costas como sempre e aperta-me bem.

— Como foi o teu dia, minha querida? — pergunta-me.

A Mamã recosta-se e os seus olhos encontram os meus. Quando olho

para a minha mãe, fico sempre grata por ver que sou quase uma cópia dela, tirando o meu cabelo louco. Isso permite-me fingir que acabei de sair da Mamã, que sou completamente dela.

— Não muito mau. — Sento-me na ponta da sua cama e olho fixamente para o tabuleiro da comida intocada.

Ela acena com a mão.

— Sabe a lixo.

— Mas, Mamã, se não comeres, não terás energia. E tu precisas dela.

Ela suspira e aperta os meus dedos.

— Eu sei. A Barbara daquele programa de apoio da igreja traz-me canja caseira depois.

Deus abençoe esse programa da igreja, porque eu não consigo fazer mais do que faço. *Eu* é que devia preparar refeições caseiras à minha mãe, e não uma senhora luterana amável chamada Barbara, mas pronto. Nutre a Mamã, e, assim, ela até tem uma visita simpática de uma estranha. Ao contrário de mim, a Mamã não costuma meter os pés pelas mãos quando conversa com outras pessoas, e até gosta de conversa fiada.

Eu e a Mamã estamos completamente sozinhas, e não vejo isso como algo mau, pois é o que é. Viajamos muito ao longo dos anos para desenvolver amizades duradouras, e ambas somos mulheres solitárias. A minha família sempre foi apenas a Avó Rose e a Mamã. A Avó Rose morreu quando eu estava no secundário e ainda sinto a sua falta. Era um verdadeiro petardo que adorava os seus vegetais e jardim de flores, ganhava sempre o *Trivial Pursuit*, fumava compulsivamente e praguejava como um marinheiro. Aparentemente, herdei o temperamento dela.

— *Okay*. — Agarro numa laranja e começo a descascá-la. Quando retirar as pequenas fibras dos gomos, eu e a Mamã vamos dividi-la. É a nossa rotina. — Quais são as novidades? — Tenho os olhos postos na laranja enquanto a descasco e um pouco de aroma se espalha pelo ar. Preocupa-me ver aquela expressão nos olhos dela, a hipótese de ver aquele olhar da Mamã quando ela tiver de me dar as más notícias.

— Que novidades? — pergunta ela.

Olho-a com rispidez.

— Não te faças de parva, Joy Sutter.

Ela sorri, surgindo-lhe um brilho nos olhos.

— A biópsia não é animadora, mas o Dr. B. arranjou um plano para mim. Ele é a minha tripla ameaça: inteligência, coragem e beleza.

Volto a cabeça para trás para ter a certeza de que não há ninguém à porta. A Mamã ri-se.

— Ele sabe que estou a brincar. Mas eu admiro-o imenso, e ele usa isso como vantagem, convencendo-me a fazer coisas como comer as minhas refeições e andar pelos corredores.

— Tipo esperto — murmuro. — Altos, ruivos e bonitos sempre fizeram o teu género.

— São gostos. Os ruivos não recebem amor suficiente neste mundo. Agora, fala-me sobre os teus dias, a escola, a equipa. — A Mamã muda de posição na cama e tenta esconder uma careta. — Sinto que não faço ideia do que se tem passado ultimamente.

Conto-lhe do *pad thai* que a Rooney tentou fazer na noite anterior, como deixou todo o apartamento a cheirar a carcaça de peixe podre, e de como os *noodles* ficaram tão duros que, quando dei uma dentada, tive a certeza de que tinha partido um molar.

O riso da Mamã torna-se num ataque de tosse. Uma enfermeira entra, dando oxigénio à minha mãe enquanto me lança um olhar que diz: *Vê se te acalmas, Sutter*.

Decidida a tentar não a fazer rir mais dessa forma durante o resto da noite, falo à Mamã sobre o próximo jogo e a estratégia que vamos adotar para sermos mais ofensivas do que o habitual. Temos jogado só comigo como ponta de lança; por isso, se as nossas adversárias forem inteligentes, vão tentar marcar-me com duas jogadoras. Vamos posicionar a Rooney na frente comigo como companheira de ataque em vez de na sua posição habitual no meio-campo. Se a Rooney estiver lá, atraindo a defesa da outra equipa, eu e ela conseguiremos, à partida, marcar alguns golos juntas.

— Parece-me um bom plano — diz a Mamã. Mete um gomo de laranja na boca e sorri. — Os olheiros não devem tardar a aparecer, de olho em ti, certo? Como também um gomo da laranja.

— Sim — digo de boca cheia. — Se conseguir manter-me disponível.

As sobranceiras débeis da Mamã erguem-se.

— Desculpa, Willa Rose, perdi alguma coisa? Tu és uma estudante trabalhadora e de confiança. As tuas notas nunca estiveram em perigo antes.

Gemendo, deixo-me cair até ter a cabeça no seu colo. A Mamã faz festinhas no meu cabelo, na tentativa de gerar alguma calma no meio do caos.

— Conta-me, querida.

Digo tudo de rajada. Como esperava, ingenuamente, que o professor MacCormack agisse como qualquer outro professor que tinha tido antes, e como, quando percebi que não seria assim, fiquei demasiado nervosa para lhe pedir o que precisava. Não consigo contar-lhe sobre o idiota do lenhador antes de a Mamã fazer *tss-tss* e abanar a cabeça.

— Nunca foste boa a ter conversas sérias. — Suspira. — Não sei onde foste buscar isso. Se alguém me pagasse para discutir, não hesitava.

As suas mãos são tão tranquilizadoras. Fecho os olhos e aprecio a sensação dos seus dedos a passarem-me ritmicamente pelo cabelo. Quando terminar, o meu cabelo não estará com metade dos nós, mas mais volumoso. No entanto, não me importo.

— Terias sido uma advogada excelente, Mamã. Entre tu e a Rooney, estou rodeada de personalidades pugnazes...

— É isso! — A Mamã pega no seu jogo de palavras cruzadas, mete a língua de fora e escreve as letras. — Pug-naz. Oh, Willa, obrigada. Agora posso esfregar isto na cara do Dr. B. quando ele aparecer.

Levanto a cabeça e olho-a nos olhos.

— Então foi o Dr. B. que te viciou nas palavras cruzadas? — Ela tem estado obcecada com elas há já algumas semanas, enviando-me mensagens dia e noite para saber se eu ou a Rooney sabemos qual a palavra de que precisa.

— Bem, ele disse que se eu fizer todas as minhas refeições e não perder mais peso, deixa-me sair para ir ao teu jogo do campeonato.

— Mamã, ainda temos de passar pelas eliminatórias e pelos *play-offs*...

— Ah. Ah. Ah. — A Mamã levanta a mão, ordenando silêncio. — O que foi que te ensinei?

Suspiro.

— Se estiver determinada, consigo fazer tudo.

— Certíssimo. Tu queres esse jogo do campeonato, Willa, e vais tê-lo. Tal como estava a dizer, se eu mantiver um bom peso, posso ir assistir, mas se eu fizer as palavras cruzadas do *New York Times* num dia, ele leva-me no seu carro desportivo de luxo.

Sento-me muito direita, abruptamente.

— Mas este ano é em San Jose. Não é arriscado? Quer dizer, vais ficar esgotada com a viagem, e o mundo lá fora está cheio de germes, e...

— Willa. — A Mamã entrelaça os seus dedos nos meus e sorri-me tranquilizadamente. — Está tudo bem. Ele é médico, ele sabe.

Os meus ombros estão tensos e o estômago está às voltas de preocupação. Odeio que a Mamã esteja tão doente que tenha de ficar no hospital, mas gosto de saber que aqui ela está segura e a ser tratada. No que me diz respeito, quero-a aqui, a receber os cuidados de que precisa, pelo tempo que for necessário. Felizmente, a Avó Rose deixou-nos uma boa herança e a pensão militar da Mamã é uma ajuda. É para aqui que, na prática, vêm todas as nossas finanças — para o tratamento do cancro, para que ela melhore o mais rápido possível.

Perante isto, estou praticamente independente financeiramente, não

sendo de qualquer modo uma preocupação. Durante anos, trabalhei numa livraria local todos os verões — foi onde aprendi palavras como *tempestuosa* ou *pugnaz* e as acrescentei ao meu vocabulário. Uma livraria alternativa que também serve café e biscoitos gera um grande aumento de negócio durante os meses de verão cheios de turistas, por isso ganho boas gorjetas, além de também receber bem à hora. Tudo o que ganho no verão serve para pagar as despesas anuais enquanto estou na universidade. Tendo em conta que recebo a minha bolsa de estudos, graças ao meu desempenho académico e atlético, e que controlo cuidadosamente os meus gastos, consigo suportar as despesas mensais de compras e serviços para o apartamento que divido com a Rooney.

Nos últimos meses, contudo, a Rooney pagou *acidentalmente* a renda e todas as contas, em vez de me deixar passar-lhe um cheque com metade do valor e enviá-lo com o dela como costumávamos fazer. Tenho uma suspeita persistente de que é porque a família da Rooney é rica — o pai dela é um importante produtor em Hollywood —, então isso não lhe custa nada, e ela sabe que estou com um orçamento apertado. Ela negaria isso até ao dia em que morresse, mas eu tenho as minhas suspeitas.

— Willa, estás a assumir um ar que não corresponde a uma jovem de vinte e um anos. — A mão da Mamã está fria e incrivelmente magra, mas não deixo de encostar a minha bochecha à sua mão. Não é a primeira vez que enfrenta o cancro, e sei que não posso tomar qualquer momento com ela por garantido. A vida é frágil, e embora tenha esperança de que a Mamã o consiga vencer, nunca desperdiço uma oportunidade de abrandar e aproveitar a sua companhia.

— Não te preocupes, minha querida — sussurra —, estou a ter cuidado. O Dr. B. está a fazer tudo o que pode por mim, por isso chega de preocupações para as duas, está bem? — Baixa as mãos e aperta as minhas. — Precisas de viver a tua vida. Tudo o que fazes é exercitar-te, ir às aulas, treinar, jogar e ficar aqui no hospital a ver a tua mãe a perder peso outra vez.

— Para. — As lágrimas picam-me os olhos. — Eu amo-te. Quero estar contigo.

— Mas tens de *viver*, Willa. Viver, não apenas sobreviver. Sai com a Rooney. Usa um vestido curto, mostra essas pernas fabulosas de futebolista. Beija um rapaz, faz tudo o que quiseses com ele, usando proteção, claro...

— Mãe! — As minhas bochechas ficam vermelhas. — Tu sabes que não namoro.

— Não te disse para namorares. Disse para dares uma.

— Mãeeee — gemo.

— Tenho estado doente de tempos a tempos, mas sabes uma coisa, Willa?

Não sinto que desperdicei a vida. *Vivi* como uma jovem. Fui a concertos loucos e viajei de mochila às costas. Convivi com poetas *beat* excêntricos, li romances densos e andei à boleia. Experimentei droga e olhava para o céu deitada em carrinhas de caixa aberta. Diverti-me e trabalhei muito, alistei-me no serviço militar e viajei pelo mundo como enfermeira. Vi lugares novos, tive amantes exóticos e uns quantos soldados sensuais...

— Mamã. — Abano a cabeça. A minha mãe é bonita, mesmo sem cabelo e com um lenço sedoso em volta da cabeça. Os seus olhos são de um castanho intenso como os meus e grandes. Tem as maçãs do rosto salientes e os lábios grossos. Já vi fotografias. A Mamã era uma bomba quando era mais nova. Só não gosto de a imaginar a fazer sexo.

— Tu percebes o que quero dizer, Willa. A vida não vive por ti, e não há certezas para nós. Tens tanto para dar, tanto que experienciar. Não quero que percas isso por minha causa.

Quero dizer-lhe que abdicaria de tudo o que a vida tem para oferecer se isso significasse que ficaria com ela para sempre. Quero dizer-lhe que tenho medo de que ela esteja mais doente do que deixa transparecer, que me iria odiar por passar noites a fazer coisas que os universitários fazem quando podia estar a aproveitar esses momentos fugazes com ela.

Mas sou eu. Não falo de coisas desconfortáveis assim. Portanto, em vez disso, aperto-lhe a mão em sinal de conforto e digo-lhe:

— *Okay*, Mamã. Irei fazer isso.